

# HOUVE ATÉ PROPAGANDA DE DESINFETANTE NO RECITAL, ONTEM, DE POESIA CONCRETA

Texto de José Hamilton RIBEIRO

Abriam-se as cortinas de palco do Teatro Brasileiro de Comédia e apareceram nove pessoas em trajes comuns. Sete encaminharam-se para o centro, mas duas restantes ocuparam as extremidades laterais. A expectativa do público, que tomara quase dez dias de poltronas, podia ser medida pelo silêncio absoluto; ruído nenhum se notava. Os "atores" se entreolhavam, um deles resolveu tomar a iniciativa e começou a ler: "A estrutura lógico-discursiva da linguagem tradicional..."

E foi nessa hora, em que os ouvidos se aguçavam ao máximo para não perder nenhuma palavra, da que o ator disse, que estourou uma bomba no palco do T.B.C. A assistência, chocada, manifestou-se em gritos de espanto e risadas, em vozes e "pele" de silêncio. Parecia que havia sido preparada uma sabotagem ao espetáculo, ao espetáculo que atrairá grande número de pessoas para ver uma coisa nova, inédita: um recital de poesia concreta. Poesia concreta, quando escrita, chama atenção pela disposição gráfica das palavras, que chegam a formar desenho. Mas poesia concreta declamada! Será isso possível?

Pois isso foi o que houve ontem à noite no Teatro Brasileiro de Comédia. Além da bomba, da qual já falamos, houve também miado de gato, propaganda de desinfetante, palmas (bastante), assobios (poucos e

líquidos), vozes (aninhadas), gritos de "bravo" e perguntas de "já acabou?" quando a poesia estava ainda no começo.

Houve, também, no final, apresentação de músicas concretas, mas isso estava no programa e o leitor já sabe.

## ISMOS

Có-lamos imprimir nas artes. Depois do abstracionismo, do dadaísmo, do expressionismo, que se seguiu à uma série de ismos, surgiu o concretismo, que foi a grande pintura, poesia e música, entre outras formas de manifestações artísticas. Ontem tratou-se de poesia concreta e música concreta. Antes de falarmos do espetáculo em si, diremos que poesia concreta, segundo um de seus maiores entesouradores, é "um sistema de funções proposicionais deliberadamente estraziadas de qualquer conteúdo que podem assim receber qualquer conteúdo". Em outras palavras, é uma poesia que não diz coisa nenhuma, que não tem objetivo de conjunto, que não chinga ninguém, que não tem, enfim, qualquer significado. O poeta concreto não lida com ideias, apenas com formas, e a forma dos poetas concretos são as palavras. Para que o leitor julgue por si, publicamos dois poemas concretos dos "mais importantes e mais representativos do movimento". Eis-los:

VVVVVVVVVVV  
VVVVVVVVVVV  
VVVVVVVVVEL  
VVVVVVVVELO  
VVVVVVVVELOCI  
VVVVVVELOCID  
VVVVVVELOCID  
VVVVVVELOCIDA  
VVVVVVELOCIDADE  
VVVVVVELOCIDADE  
VVVVVVELOCIDADE

branco	branco	branco	branco
vermelho	vermelho	vermelho	vermelho
estanco	estanco	estanco	estanco
espelho	espelho	espelho	espelho
havelado	havelado	havelado	havelado

## DESINFETANTE

Agora que vocês já "sabam" e que a poesia concreta passamos ao recital de ontem. O palco do T.B.C. foi especialmente preparado. Peças de madeira (paredes degraus para uma apresentação litúrgica durante a Semana Santa) foram dispostas de forma a permitir aos "atores" movimentarem-se e trocar de posição de acordo com as exigências do bom efeito sonoro da poesia. Cada um dos nove tinha em mãos a sua "partitura". Um poema concreto de dez palavras é dito por quase igual número de pessoas, cada uma das quais nem chega sequer, às vezes, a dizer uma palavra inteira. Ora expressa apenas uma sílaba, ora faz somente um movimento de boca para entreter um som como, assim, um rosnar de gato. Ninguém na audiência entende nada de nada. O melhor ouvido consegue, no máximo, distinguir uma palavra de outro. Não há sequência, nem ritmo, muito menos rima. "Cada poema é uma realidade em si e não um poema sobre...". Quando um poema chega ao fim — e isso a gente fica sabendo porque os "atores" viram uma página de sua pasta — alguns batem palmas, outros sustentavam, a maioria não dizia nem fazia nada, e que parecia, na ocu-

sião, a atitude mais prudente. Conforme as palavras, houve, também, vozes e dios chistosos e sombadores.

Certo poema abusava de uma palavra que, dita por um dos declamadores, soava como "omo", com o primeiro "o" bastante prolongado, de forma quase idêntica à que se ouve no ruído como propaganda de determinado produto industrial. Poucos da assistência se contiveram. Foi o momento em que as vozes predominaram, entre assobios, gargalhadas e os "psiu" de silêncio provavelmente paridos da "escolinha" dos concretistas. Um representante do "movimento revisionista" ("Noite de Revisão"), virou-se para o colega e repetiu: "OOOOOOOMO! Você vê? Essa turma tem desinfectante na cabeça..."

## SERES

As tantas apreciei um gato no teatro. Realizado talvez com frio, ensaiou um miado que poderia comprometer inteiramente o espetáculo. Um assistente resolveu pegá-lo e o bichano, gostando do sfoço, ficou quietinho até quase o final da moldada. Quando foi solto, entretanto, desceu por um corredor da platéia, pulou na borda da ribalta e adentrou o palco, atravessando-o de ponta a ponta para o que precisou, inclusive, de meter-se entre as per-

nas de um músico, pois àquela hora já havia terminado a recitação. O público viu nele motivo bastante para gargalhadas e cochichos, reações de protesto pelas já esperadas "psiu" caladores.

## ATOS

Entre a apresentação das poesias e da música, houve um intervalo relativamente grande. Grupos então se formaram para discutir o recital.

Frasco de Carvalho — cujo nome artístico não coincide com o do concretismo — esteve presente e foi cercado de meticulosas observações. Múscos acreditaram que ali apareceram para atacar "alguma" contra o espetáculo, já que entre o grupo de que ele faz parte e os "concretos" existe, já de algum tempo, certo clima de animosidade passiva que espera oportunidade para transformar-se em algo ativo. Mas Frasco portou-se bem, apesar de o Deão Pignatari ("concretista") ter garantido que partiram dele as piadinhas que se ouviram durante as declamações. Frasco de Carvalho assim definiu o recital: "Os atores são muito bons e conseguiram, do nada — que é esta coisa concreta, que não pode ser chamada de poesia — arrancar alguma coisa para oferecer a assistência. Como expressão arritmica que são, esses "poemas" sincronizariam, talvez, com o balido, manifestação primitiva e que pode, também, ser arritmico. No mais, foi um espetáculo andino."

O momento do "Noite de Revisão" aconteceu a poesia concreta. Uma negação absoluta, disse o líder desse movimento irreverente, mas tão irreverente que se agitou muito.

A maioria das opiniões que ouvimos foi contrária à inovação. No final do espetáculo, entretanto, choveram palmas puras (sem assobios ou gritinhos), mas isso talvez seja hábito de quem frequenta teatro, onde se "usa" bater palmas nos finais.

Para terminar a noite, houve apresentação de música concreta, composição de Anton Webern (sinfonia opus 21). Falou-se que Webern foi um aluno de Schenker que aproveitou os seus ensaios revolucionários da técnica musical e avançou em muito. O mestre havia-se desprendido de tantas formas clássicas, com o dodecafonismo, mas não tivera condições para prosseguir. Webern se liberta do tom, descendência e ritmo do compasso limitado e tempo musical e consegue compor uma música-objeto, "que se realiza e si não muda".

Para a assistência, contudo, pelo menos a primeira parte da apresentação da música, foi detrida de duas maneiras: a) a independência de um instrumento em relação ao outro, a falta de ritmo,

de compasso e de tudo o mais que mostra a música como a gente está acostumado a ouvi-la, fez com que a composição concreta se parecesse nada mais nada menos com a situação dos instrumentos de uma orquestra quando está se preparando para executar alguma coisa. Ouvi-se, de fato, o violino num acorde de trompa na entressua de uma nota, uma banda de harpa, mas não sem nenhuma relação entre si; e) como cada músico demonstra

trava conhecer o instrumento, mas ao trava dele notas separadas e sem objetivo, tinham-se impressão de que se tratava de uma orquestra de loucos. De músicas que ficaram loucos de tanto estudar música e de manipular q respectivo instrumento, ao qual endeuaram e tinham medo de ferir.

A segunda parte da apresentação musical, que foi não tanto "revolucionária" como a primeira, saiu mais no gosto da assistência.



# HOUVE ATÉ PROPAGANDA DE DESINFETANTE NO RECITAL, ONTEM, DE POESIA CONCRETA

Uma bomba estourou no palco, um gato atravessou a platéia, muitas palmas, assovios, vaías e piadinhas — Uma "orquestra de loucos", cujos membros têm medo dos instrumentos — Poesia que não diz nada e que quer, justamente, não dizer nada mesma... — (Página 11)

FOLHA DA TARDE — Terça-feira, 4 de junho de 1957

# HOUVE ATÉ PROPAGANDA DE DESINFETANTE NO RECITAL, ONTEM, DE POESIA CONCRETA

Abriam-se as cortinas do palco do Teatro Brasileiro de Comédia e apareceram nove pessoas em trajes comuns. Sete encaminharão-se para o centro; mas duas restantes ocuparam as extremidades laterais. A expectativa do público, que tomava quase todas as poltronas, podia ser medida pelo silêncio absoluto: ruído nenhum se notava. Os "atores" se entreolharam, um deles resolveu tomar a iniciativa e começou a ler: "A estrutura lógico-discursiva da linguagem tradicional..."

E foi nessa hora, em que os ouvidos se aguçavam ao máximo para não perder nenhuma palavra das que o ator dizia, que estourou uma bomba no palco do T.B.C. A assistência, chocada, manifestou-se em gritos de espanto e riadas em vaías e "piu" de silêncio. Parecia que havia sido preparada uma sabotagem ao espetáculo, ao espetáculo que atrairá grande número de pessoas para ver uma coisa nova, inédita: um recital de poesia concreta. Poesia concreta, quando escrita, chama atenção pela disposição gráfica das palavras, que chegam a formar desenho. Mas poesia concreta declamada! Será isso possível?

Pois isso foi o que houve ontem à noite no Teatro Brasileiro de Comédia. Além da bomba, da qual já falamos, houve também mlado de gato, propaganda de desinfetante, palmas (bastante), assovios (poucos e

Textos de José Hamilton RIBEIRO tímidos), vaías (acanhadas), gritos de "bravo" e perguntas de "já acabou?" quando a poesia estava ainda no começo.

Houve, também, no final, apresentação de música concreta, mas isso "estava no programa e o leitor já sabe".

### ISMOS

Os ismos imperam nas artes. Depois do abstracionismo, do dadaísmo, do expressionismo, que se seguiu a uma série de ismos, surgiu o concretismo, que abrange pintura, poesia e música, entre outras formas de manifestações artísticas. Ontem tratou-se de poesia concreta e música concreta. Antes de falarmos do espetáculo em si, diremos que poesia concreta, segundo um de seus maiores cantores, é "um sistema de funções proposicionais deliberadamente esvaziadas de qualquer conteúdo, que podem assim receber qualquer conteúdo". Em outras palavras, é uma poesia que não diz coisa nenhuma, que não tem objetivo de conjunto, que não chinga ninguém, que não tem, enfim, qualquer significado. O poeta concreto não lida com idéias, apenas com formas. E as formas dos poetas concretos são as palavras. Para que o leitor julgue por si, publicamos dois poemas concretos dos "mais importantes e mais representativos do movimento". Eil-os:

branco branco branco branco

vavelho

estanco

vermelho

espelho

vermelho

estanco

branco

havelão de campos

### DESINFETANTE

Agora que vocês já "sabam" e que é poesia concreta passamos ao recital de ontem. O palco do T.B.C. foi especialmente preparado. Pesca de madeira (naracim destrus

sião, a atitude mais prudente. Conforme as palavras, houve, também, vaías e ditos chistosos e zombadores.

Certo poema abusava de uma palavra que, dita por um dos de-

mas de um músico, pois aquela hora já havia terminado a recitação. O público viu nele motivo bastante para gargalhadas e cochichos, respondidos de pronto pelos já esperados "piu" caladores.

### ATOS

Entre a apresentação das poesias e da música, houve um intervalo relativamente grande. Grupos então se formaram para discutir o recital.

Flávio de Carvalho — cujo nome artístico não coincide com o do concretismo — estava presente e foi cercado de metódicas observações. Muitos acreditavam que ali aparecera para arruar "alguma" contra o espetáculo, já que entre o grupo de que ele faz parte e os "concretos" existe, já de algum tempo, certo clima de animosidade. Passado que espera oportunidade para transformar-se em algo ativo. Mas Flávio portou-se bem, apesar de o Deolfo Pigmentari ("concretista") ter garantido que partiram dele as piadinhas que se ouviram durante as declamações. Flávio de Carvalho assim definiu o recital: "Os atores são muito bons e conseguiram, de nada — que é essa coisa concreta, que não pode ser chamada de poesia — arrancar alguma coisa para oferecer à assistência. Como expressão arritmica que são, esses "poemas" sincronizariam, talvez, com o bailado, manifestação primitiva e que pode, também, ser arritmico. No mais, foi um espetáculo apodino."

Os moços da "Noite de Retidão" execraram a poesia concreta. "Uma negação absoluta", disse o líder desse movimento irreverente, mas tão

de compasso e de tudo o mais que se tratava de uma composição concreta se parecesse nada mais nada menos com a afinação dos instrumentos de uma orquestra quando está se preparando para executar alguma coisa. Ouviu-se, de fato, o violino num acorde, a trompa na emissão de uma nota, uma blanda de harpa, mas tudo sem nenhuma relação entre si. b) como cada músico demons-

trava conhecer o instrumento, mas só tirava dele notas separadas e sem objetivo, tinha-se impressão de que se tratava de uma orquestra de loucos. De músicos que ficaram loucos de tanto estudar música e de manipular o respectivo instrumento, ao qual endossaram e tinham medo de ferir.

A segunda parte da apresentação musical, que foi não tanto "revolucionária" como a primeira, caiu mal no gosto da assistência.

VVVVVVVVVV

VVVVVVVVVV

VVVVVVVVEL

VVVVVVELO

VVVVVVELOC

VVVVVVELOCI

VVVVVVELOCID

VVVVVVELOCIDA

VVVVVVELOCIDAD

VVVVVVELOCIDADE